

Bruno Bettelheim

De família judia vienense, educado no mesmo ambiente cultural que Freud, analisado em Viena na língua de Freud, Bruno Bettelheim começa uma nova vida nos Estados Unidos aos quarenta anos, e descobre então que a leitura de Freud em inglês difere da que o formou. Não se trata nem de uma diferença de língua, nem do efeito da qualidade da tradução, mas de uma distorção fundamental que recai não sobre a letra mas sobre o espírito da mensagem freudiana, sobre "the essential humanism that permeates the original".

EXCISÃO

Num artigo do New-Yorker datado de primeiro de março de 1982, a crítica feita por B. Bettelheim da tradução inglesa das obras de Freud vai muito longe pois fala de "excisão" pela tradução, que transforma a visão pessoal de Freud sobre a complexidade dos processos psíquicos do ser humano numa teoria despersonalizada, abstrata, "científica" (as aspas são colocadas por ele) e totalmente mecanizada. A via tomada pelos tradutores (desvio, não hesita escrever B. Bettelheim), conduz a uma edulcoração, a uma limpeza não deixando lugar senão a uma compreensão pseudo-científica do inconsciente e daquilo em que ele determina os comportamentos humanos.

Bruno Bettelheim brada um retorno a Freud, a sua leitura direta que lembra em parte o trabalho empreendido por Lacan. Diz ter tido consciência da necessidade de ler Freud nos anos 45-50, isto é, no momento mesmo em que começava em França o ensino de Lacan. Os membros de sua equipe, na Escola Ortogênica de Chicago, liam Freud, certo, estavam convencidos de ter feito suas as idéias dele, tentavam mesmo pôr em prática em seu trabalho com as crianças, mas as abordagens deles do texto inglês averiguava-se obstar a sua compreensão. Enquanto Freud se dirige ao leitor como sujeito, o leitor anglofone, jamais é implicado como tal e permanece mantido à distância pela leitura de Freud que se lhe impõe. Bruno Bettelheim toca aí em alguma coisa, mesmo se nos quedamos críticas a respeito de sua concepção de tratamento como devendo conduzir a "estar em paz consigo mesmo" e de seu trabalho com crianças na Escola Ortogênica de Chicago (este nome já é um programa!).

Que resta hoje nos Estados Unidos da psicanálise freudiana? Nada, constata B. Bettelheim. Ou, ao menos, nada daquilo que Freud quis transmitir: resistência à psicanálise, tal é o

diagnóstico feito por Bettelheim, nada saber de seu próprio inconsciente. O apelo de Freud cai no ouvido de surdo não somente porque sua língua, seu estilo são passados no laminador, mas também porque daquilo que ele diz metaforicamente, elimina-se todo efeito de sentido, o que às vezes conduz a contra-senso. Assim os termos Eros e erótico utilizados por Freud com toda sorte de conotações que a tradução esvazia, perdem não apenas a significação que lhes dava Freud, mas são investidos de significações contrárias. O próprio termo psicanálise é objeto de um desvio: o acento é colocado, em inglês, sobre análise e sua conotação científica ao passo em que em alemão leva a psyché, alma.

Medo da verdade, eis o veredicto de B. Bettelheim, por narcisismo tenaz e recusa de reconhecer a pulsão de morte em ação na alma humana. É mais fácil acreditar que “esses aspectos negativos” dizem respeito ao social, acrescenta ele, o que conduz a essa tradução contestável de Mal-estar na Civilização: Civilization and its discontents, ao passo que traduzir por The Uneasiness inherent in culture teria sido mais adequado. “Conhece-te a ti mesmo” vira-se em mesmo lance: “faze o que te agrada”, outra distorção da mensagem de Freud. Bettelheim relembra que Freud não via com bons olhos a popularidade crescente da psicanálise nos Estados Unidos, e em 1930, ele escrevia sobre esse assunto que por certo isso não significava uma compreensão crescente: utilização de slogans, nada mais...

EFEITOS POSITIVISTAS

É falta da tradução? Não, diz Bruno Bettelheim, é dos tradutores, de seu voto deliberado de relacionar a psicanálise à medicina, de seu positivismo cientificista, que lhes serve para ficar distantes do impacto “emocional” que Freud intenta alcançar: eles optaram pelo mind contra o soul. Eis porque aderem ao freudismo do primeiro período, mais “científico” e desconhecem o Freud da maturidade cuja orientação é mais “humanística”. Ainda assim não é ler Freud corretamente que considerava a dimensão cultural e humana da psicanálise como mais importante que suas aplicações terapêuticas. É suficiente ler “Questão da análise leiga” para disso se convencer. Os americanos não compreenderam nada (é sempre B. Bettelheim que fala), pois que interditaram a psicanálise aos não médicos (1926) e não contentes de assim regrar a questão entre eles, continuaram, no interior da IPA, a conduzir o mesmo combate. Hitler, em certo sentido, lhes prestou socorro provocando uma imigração de psicanalistas na América, que tornou o grupo americano mais importante numericamente. Isso conduziu Freud a dizer, no fim de sua vida, que os americanos “fazem da psicanálise a simples empregada doméstica fac totum da psiquiatria” e a manter mais que nunca sua posição quanto à prática analítica pelos não médicos.

Bettelheim insiste em várias reprises na importância do banho cultural no qual Freud viveu, e na necessidade dessa referência para apreender seu texto. Na era germanofona, a psicologia pertence sempre aos "Geisteswissenschaften" (em França diríamos às ciências humanas) ao passo que no mundo anglo-saxônico ela diz respeito a "Naturwissenschaften" (outramente dito, ciências da natureza). Ele tira as conseqüências: a psicanálise freudiana é uma ciência do particular, nem experimental, nem exata.

Integrar a psicanálise ao campo médico, referi-la explicitamente ou implicitamente às ciências da natureza conduz a inflectir a tradução de Freud. A língua inglesa se presta a isso particularmente, ela elimina facilmente as ambigüidades, as imprecisões, ao que se acrescenta a tradição positivista da filosofia anglo-saxônica. Embora Freud tenha partido de uma aspiração científica e médica, ninguém pode se permitir de ignorar a evolução de suas idéias e sua mudança radical a respeito disso.

ILUSTRAÇÕES

A tendência a cientificizar o vocabulário freudiano conduz mesmo os melhores tradutores ingleses (inclusive Strachey) a erros sofríveis. Tal é o caso da tradução de Fehlleistung (ato falho) que associa sutilmente dois significados contrários (o cumprimento e o fracasso) imediatamente apreensíveis pelo leitor alemão, por "parapraxis" na Standart Edition, que nada evoca a ninguém, a não ser uma conotação científica pelo viés grego. "Faulty achievement" teria melhor despertado o leitor "emocionalmente", segundo B. Bettelheim, para quem "parapraxis" diz respeito ao "gobbledygook English" que eu não arrisco traduzir e que fala mesmo sem tradução) ou como esse termo horroroso de "catexis" que em se fazendo técnico, científico, tira ao Besetzung todo poder metafórico.

Da mesma ordem mas mais grave ainda é a tradução de "das Es, das Ich e das Uberich" por vocábulos latinos que abre caminho para substituir a psicanálise pela "psicologia do ego", tudo naturalmente, ou, melhor, tudo "cientificamente". Não podemos deixar de deduzir da crítica de Bruno Bettelheim que a tradução de Ich por "I" teria talvez evitado esse desvio maior do pensamento de Freud. Ele mesmo concluiu que nos Estados Unidos a psicanálise, de "psicologia introspectiva" foi transformada em psicologia comportamental.

O mais inaceitável parece-lhe ser a eliminação do que concerne "die Seele", a alma, "the soul", o que conduz a pensar que Freud fala do espírito, do intelecto e não do humano. Seelisch não é "geistig", vitupera ele a justo título. O efeito dessa distorção é de perder a

dimensão própria do inconsciente, de a apagar. Se Freud preferiu Seele a qualquer outro termo mais preciso, é que sua ambigüidade é a da coisa mesmo, a "psyché". Em não respeitando o que se deve tomar como metáfora em Freud, ao preferir mind por soul, os americanos perderam a psicanálise, assim como a reduzir a pulsão (Trieb) a instinto.

Se Bettelheim tende, como se vê, a pleitear própria causa – aquela da soul contra a da mind – sua argumentação entretanto destaca uma ética que não diz respeito ao American way of ajustment, mas antes a uma tendência para a verdade: ela pode conduzir alguns analistas a um retorno a Freud, ou, ao menos a sua leitura.

Obrigado Bruno Bettelheim!

L'Ane

Le Magazine Freudien

Automne 1982

Número 6 – pág. 27/28

Entrevista para Daniele Silvestre

Tradução: Durval Checchinato